

O ÁRBITRO IGOR BENEVENUTO E A SAÍDA DO ARMÁRIO NO FUTEBOL: DISPUTAS DE SENTIDOS EM REDES DIGITAIS

REFEREE IGOR BENEVENUTO AND COMING OUT OF THE CLOSET IN SOCCER:
DISPUTES OF MEANINGS IN DIGITAL NETWORKS

Ana Júlia Amorim Oliveira ¹

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça ²

Resumo

Em entrevista ao podcast *Nos Armários dos Vestiários*, do *Globo Esporte (GE)*, o árbitro de futebol Igor Benevenuto assumiu-se homossexual. O *Globo Esporte (GE)*, em seu perfil do *Instagram*, veiculou postagem em que reproduzia trechos da entrevista. A publicação gerou grande repercussão e teve mais de 1.000 comentários. O objetivo desta pesquisa consiste em perceber os sentidos são mobilizados em torno do anúncio, observando de quais modos, no cenário do futebol, discute-se sexualidade/homossexualidade. Metodologicamente, a pesquisa inspira-se na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014). Observa-se, então, a constituição de três constelações de sentido. "Futebol não é lugar de bicha"; "Preconceito duplo" e "Representatividade importa", de diferentes maneiras e a partir de diferentes performances em rede, dizem das possibilidades e das impossibilidades do ser gay no futebol.

Palavras-chave

futebol; homofobia; Igor Benevenuto; análise de construção de sentidos em redes digitais; *Instagram*.

Abstract

In an interview with the podcast *Nos Armários dos Vestiários*, on *Globo Esporte (GE)*, soccer judge Igor Benevenuto came out as homosexual. *Globo Esporte (GE)*, on its *Instagram* profile, published a post in which it reproduced excerpts from the interview. The publication generated great repercussion and had more than 1000 comments. The objective of this research is to understand which meanings are mobilized around the advertisement, observing in which ways, in the soccer scenario, sexuality/homosexuality is discussed. Methodologically, the research inspires *The Analysis of Meaning Construction in Digital Networks* (Henn, 2014) and, from this point of view, observes the constitution of three constellations of senses: "Soccer is not a place for queers"; "Double prejudice" and "Representativeness matters", in different ways and from different network performances, talk about the possibilities and impossibilities of being gay in soccer.

Keywords

soccer; homophobia; Igor Benevenuto; analysis of meaning construction in digital networks; *Instagram*.

¹ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM UFOP), ana.amorim.jor@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-0204-990X>, <https://lattes.cnpq.br/7572112879153303>.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), professor adjunto do Departamento de Comunicação Social/ Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), felipeviero@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8051-126X>, <http://lattes.cnpq.br/6367822290797323>.

Introdução

Em entrevista concedida ao podcast *Nos Armários dos Vestiários*³, do Globo Esporte (GE), em julho 2022, o árbitro de futebol Igor Benevenuto assumiu-se gay. Ele foi o primeiro árbitro do quadro da Fifa a manifestar a homossexualidade publicamente. Ao veicular trechos da entrevista, com a revelação, em sua conta oficial no *Instagram*, o GE gerou grande repercussão entre usuários da rede, que realizaram mais de 1.000 comentários na postagem⁴. Neste artigo, advindo de uma investigação mais ampla⁵, já concluída, tem-se como objetivo central perceber, com base nesses comentários, quais sentidos são mobilizados e constituídos em torno do anúncio, observando de que modos, no cenário do futebol, discute-se a sexualidade e a homossexualidade.

De um ponto de vista teórico e político, acionam-se pesquisas que se voltam às discussões em torno de gênero e das masculinidades (Beauvoir, 1967; Butler, 2003; Connell, 2003; Machado, 2018) e de sexualidade e homofobia (Warner, 1991; Borrillo, 2010; Mendonça; Mendonça, 2021). Metodologicamente, a pesquisa inspira-se na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014; Kolinski Machado; Gonzatti, 2020), explorando as interações dos usuários na publicação acerca da revelação de Igor Benevenuto.

Sobre gênero, masculinidades, homofobia e futebol

Em diálogo com Simone de Beauvoir (1967), compreendemos que ninguém nasce homem ou mulher, mas que se torna homem e mulher a partir de processos políticos e históricos. Também em diálogo com Judith Butler (2003), entendemos o gênero como performativo, tomando-o, ao invés de um marcador de caráter fixo e estável, como algo que advém de um contínuo fazer e de uma repetição que se dá no corpo, adquirindo, apenas ao longo do tempo, a aparência de uma naturalidade.

Para além de um objeto, portanto, quando aí considerada, a masculinidade poderia ser tomada como “um lugar nas relações de gênero, como as práticas através das quais homens e mulheres ocupam esse espaço no gênero e os efeitos dessa prática na experiência corporal, na personalidade e na cultura” (Connell, 2003, p. 109, tradução livre). Ao ponderar que se faria necessário o desenvolvimento de um modelo para a estrutura de gênero que levasse em conta as relações de poder, de produção e vínculos emocionais, Connell (2003) ressalta que não se pode pensar o gênero como algo isolado, de modo que não haveria apenas uma masculinidade, mas múltiplas, atravessadas por questões como etnia, classe social e orientação sexual (Machado, 2018).

3 Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

4 Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfwXzHttGbC/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading&img_index=1. Acesso em: 14 jan. 2024.

5 Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso intitulado “Homofobia e futebol: a construção de sentidos em redes digitais sobre a saída do armário do árbitro Igor Junio Benevenuto”, desenvolvido por Ana Júlia Amorim e orientado por Felipe Viero, junto ao curso de jornalismo da UFOP. O trabalho completo está disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/6133>. Acesso em: 14 jan. 2024.

Há que se considerar, contudo, que se habita um mundo pautado pela heteronormatividade (Warner, 1991). Ressaltar que nossa cultura se estrutura ao redor de um paradigma heteronormativo é mais do que dizer que ela é apenas heterossexual, é dar a ver que o privilégio heterossexual reside no fato de que a cultura heterossexual se apresenta, de forma totalizante, como sociedade (Machado, 2018). “A heteronormatividade, ao definir a heterossexualidade como natural e ao seccionar os sujeitos entre heterossexuais e não heterossexuais, diz quem é normal e quem não é” (Machado, 2018, p. 56).

Ao se voltar ao estudo da homofobia, Daniel Borrillo (2010 p. 13) sugere que a pensemos como consequência de todo um processo que incita o ódio à determinada diferença. Em suas palavras, seria uma manifestação arbitrária que “consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal”. Tendo em vista a sua “dissidente” orientação sexual, o sujeito homossexual é percebido sob os rótulos do excêntrico e do extravagante e posicionado à distância, fora do universo do qual fazem parte as pessoas.

O futebol, nesse sentido, forjado também pelas lógicas generificadas e heteronormativas (Mendonça; Mendonça, 2021), constitui-se em espaço profícuo para que se percebam modos de operação de ordenamentos de gênero. Como qualquer ideologia, esse esporte cria fanatismos e atua como uma psicologia de massas (Wisnik, 2008). A masculinidade manifestada em corpos másculos, nos gestos de conotação sexual, na competição exagerada e em hierarquias internas e externas, é crucial para a manutenção de uma heterossexualidade compulsória (Rich, 2010).

Ainda que proibidos desde 2019, cânticos homofóbicos persistem nos estádios brasileiros, operando como violentos dispositivos discursivos de masculinidades (Mendonça; Mendonça, 2021), indicando, também, o quão necessário é voltar-se criticamente à compreensão desse espaço.

Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais

Conforme lembra Recuero (2014), ainda que guardem semelhanças com o diálogo face a face, as conversações que ocorrem em redes digitais possuem como características serem permanentes e passíveis de rastreamento. Tais espaços ao constituírem-se em conversas públicas, funcionam, ainda, como “lócus do conflito, dissenso, disputa simbólica e política” (Pereira de Sá, 2016, p. 63) e, por conseguinte, em lugar privilegiado de investigação social. Compreende-se nesta pesquisa, também, que as redes digitais são responsáveis por configurarem a maneira como determinadas mensagens se espalham através de múltiplos espaços, caracterizando sentidos e conexões específicas em torno de si (Recuero; Bastos; Zago, 2015).

Em relação ao *Instagram*, especificamente, uma pesquisa divulgada pelo portal de informações *Opinion Box*⁶ indicou que cerca de 100 milhões de brasileiros acessam a plataforma diariamente, fazendo com que nosso país seja o segundo em número de usuários.

⁶ Dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências de uso no Instagram. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisainstagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em: 15 mar. 2023.

A fim de dar conta de enfrentar a materialidade de nosso objeto de investigação, adota-se aqui, como lugar metodológico, a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014). O método envolve três etapas que se fazem necessárias para a análise de casos à luz de problemáticas e de teorias específicas: (1) um primeiro movimento, de caráter exploratório/cartográfico; (2) o agrupamento de constelações de sentidos (um segundo movimento, o qual visa a reunir os sentidos percebidos tendo em vista uma homogeneidade); e 3) a elaboração de inferências sobre os signos mais representativos de cada agrupamento (um terceiro movimento que, a partir das constelações percebidas, aciona referências teóricas e políticas cabíveis para compreendê-las) (Kolinski Machado; Gonzatti, 2020).

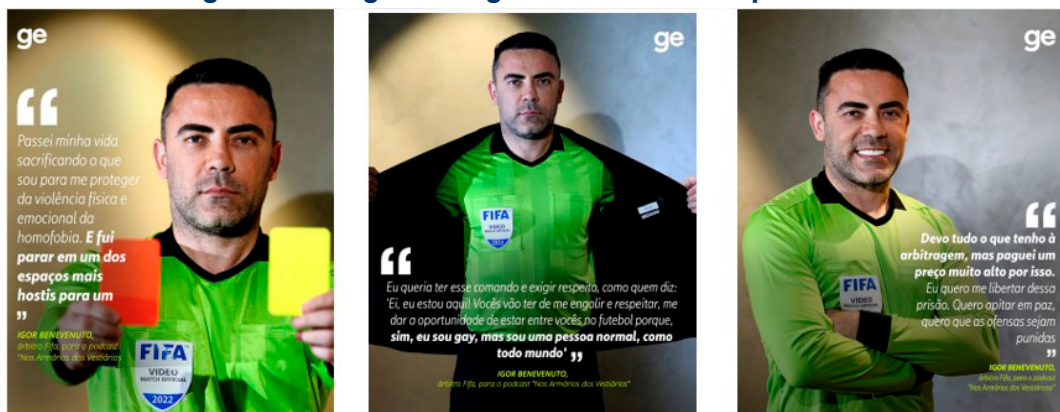
Conforme a leitura de todos os comentários efetuados na postagem, realizamos uma seleção a fim de abranger aqueles que fossem considerados mais significativos/emblemáticos. Os movimentos de análise, então decorrentes, voltaram-se a 70 comentários, que foram numerados em ordem e, a partir dos quais, chegou-se a três constelações de sentido.

O que acontece quando Benevenuto sai do armário?

Tal qual já sinalizado, o objetivo central desta pesquisa consiste em perceber, com base nos comentários presentes na publicação do GE, em seu perfil do *Instagram*, sobre a saída do armário (Sedgwick, 2007) do árbitro Igor Benevenuto, quais sentidos são mobilizados e constituídos em torno do anúncio. A postagem, composta por três imagens do árbitro com frases advindas da entrevista concedida ao podcast (FIGURA 1), foi realizada em 8 de julho de 2022 e traz o seguinte texto:

O árbitro Igor Benevenuto se declarou homossexual em entrevista ao podcast do GE "Nos Armários dos Vestiários", uma série jornalística que detalha a homofobia e o machismo no futebol brasileiro. O mineiro, de 41 anos, é o primeiro juiz do quadro da Fifa a manifestar a homossexualidade publicamente.

Figura 1 - Imagens de Igor Benevenuto no post do GE



Fonte: Instagram Globo Esporte

Com cerca de 58 mil postagens, o perfil do *Globo Esporte*, no *Instagram*, conta com 4 milhões de seguidores (janeiro de 2024). No instante de nossa coleta, a publicação contava com 1.001 comentários e 18.938 reações (*likes*). Para comparação, uma postagem sobre a estreia da Seleção Brasileira Feminina no maior torneio de futebol das Américas teve cerca de 2.000 reações. Uma postagem sobre o retorno de Bernardinho ao posto de técnico da seleção masculina de vôlei recebeu pouco mais de 300 comentários. Tais números, ainda que meramente ilustrativos, são pistas que dizem do engajamento alcançando, bem como da conversação em rede decorrente da publicação acerca da orientação sexual do árbitro. A escolha pelos 70 comentários analisados no estudo considerou o que havia de mais significativo e representativo das nucleações de sentido constatadas.

Das três constelações de sentido então observadas, a que se mostrou hegemônica, abrangendo 54 comentários, foi nominada por nós como “Futebol não é lugar de bicha”, reunindo manifestações homofóbicas na forma de xingamentos, ofensas e agressões. A seguir, trazemos alguns dos comentários coletados:

Xingamento sempre teve sempre vai ter no futebol (COMENTÁRIO 2).

É só largar o futebol que todos nós ficaremos felizes (COMENTÁRIO 9).

Nossa que bosta em? Mudou o mundo essa informação. Nada contra mas quem precisa saber?? (COMENTÁRIO 11).

Q me interessa se ele dá o c...?? (COMENTÁRIO 13).

Não basta chutar as bolas agora tem que chupar também (COMENTÁRIO 24).

Agora todo mundo qr sair do armario 😊😊 (COMENTÁRIO 25).

Quanto vitimismo (COMENTÁRIO 32).

A mimimi do caralho (COMENTÁRIO 33).

Tem que se foder mesmo (COMENTÁRIO 39).

Só mais um verme (COMENTÁRIO 42).

Os comentários de números 2 e 9 produzem sentidos similares, agindo como uma resposta ao incômodo, manifesto por Benevenuto, diante da homofobia. Em ambos os casos, há uma minimização das ofensas, justificadas, então, diante de uma cultura do futebol, que envolveria xingamentos de diversas ordens (comentário 2) e de uma percepção de que, se está insatisfeito, caberia ao juiz deixar seu emprego ao invés de exigir mudanças (comentário 9). É interessante pontuar, em relação a esse aspecto, que tal qual se observou em investigação sobre os cânticos homofóbicos das torcidas de futebol (Mendonça; Mendonça, 2021), parece haver, de modo sistêmico, o não esta-

belecimento de uma relação entre o que se percebe como uma tradição e uma violência simbólica que, em lugar similar, desemboca em violências físicas.

Em conversas informais, alguns amigos nos disseram que os cantos com ofensas a outra torcida não eram manifestações de homofobia, eram simplesmente “coisas do futebol”. Esse tipo de comentário desconsidera que para todo enunciado há um enunciador, uma intencionalidade, um mundo ao qual o enunciado se refere – o mundo do texto. [...] Nessa perspectiva, ninguém seria responsável pelo conteúdo daqueles textos verbais ou visuais disparados pelas torcidas. Naturalizar a ofensa por orientação sexual ou identidade de gênero seria como desconsiderar os efeitos de dada prática no contexto enunciativo de um país com altos índices de crimes homofóbicos (Mendonça; Mendonça, 2021, p. 5).

Nos comentários 11 e 13, mais agressivos, torna-se evidente o incômodo dos usuários e, para além disso, a defesa de que a informação sobre a orientação sexual do árbitro, irrelevante, não deveria ser publicizada. Sobre a saída e/ou não saída do armário, percebe-se, em diálogo com Sedgwick (2007), que há toda uma gama de ambiguidades. Ao passo que, por um lado, exige-se dos sujeitos homossexuais que seja dita “a verdade” sobre a sua condição, igualmente se condena a propagação da informação: “e quem está interessado em sua vida íntima?”. Em sendo o futebol um “lugar para machos”, e ele sendo gay, sob lógica desses usuários, caberia a Benevenuto esconder sua orientação sexual.

Conforme Borrillo (2010, p. 17), mais uma vez, retorna-se à questão do armário. “Aceita na esfera íntima da vida privada, a homossexualidade torna-se insuportável ao reivindicar, publicamente, sua equivalência à heterossexualidade”. Nesse ponto, ainda, cabe recuperar as reflexões de Marco Almeida e Alessandro Soares (2012, p. 314), em artigo sobre futebol e homofobia:

O futebol carrega os atributos de uma sociedade masculinizada. Todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol. A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade.

No comentário 24, por sua vez, o usuário estabelece uma comparação entre a bola de futebol e os testículos masculinos e, a partir desse lugar, repreende o árbitro por sua orientação e prática sexual. O usuário que realiza o comentário 25, que também traz emojis com risadas, fala que, agora, todos querem sair do armário, dando a entender se tratar de uma moda, algo contemporâneo, que não havia em um passado e que, subentende-se, isso não deveria ter mudado.

Os comentários 32 e 33, em específico, trazem uma estrutura recorrentemente observada: empregam expressões que, comumente, observamos em manifestações

críticas ao respeito à diversidade. Ao nomear pautas que envolvem a população LGBTQIAPN+ como “vitimismo” ou “mimimi”, tais posturas tentam invalidar e inferiorizar essa causa. Os comentários 39 e 42, finalmente, são ofensas diretas ao juiz, manifestando ódio (“tem que se foder mesmo”) e repulsa (“só mais um verme”) diante da manifestação de sua orientação sexual.

Torna-se pertinente, aqui, recuperar o conceito de abjeção, oriundo da obra de Julia Kristeva (1982), fundamental para o desenvolvimento dos estudos queer. Os corpos à margem, as vidas que ocupariam espaços incômodos, seriam aqueles que, não gerando empatia e ultrapassando as fronteiras do que poderia ser dito “tolerável”, geram o asco. Para Kristeva (1982), o que causaria abjeção seria aquilo que perturbaria a identidade e a ordem, não respeitando fronteiras, posições e regras. Palco de uma masculinidade hegemônica (Connell, 2003), constituído sobre lógicas heteronormativas (Warner, 1991), em especial no contexto do futebol, o corpo gay que ousa definir-se como tal vai de encontro de um todo um sistema masculino.

O *Instagram* também possui uma ferramenta que permite a interação entre usuários por meio de “curtidas” em comentários, representadas por um coração ao lado de cada fala. Esse recurso possibilita que usuários que concordem com o comentário lido possam manifestar esse apoio por meio de uma interação gráfica. Alguns comentários, portanto, reiteram o sentido global produzido por cada constelação e não apenas a opinião individual dos usuários. Seguem exemplos de comentários com expressivo número de curtidas:

Acabar as ofensas no futebol, melhor acabar com o futebol logo! (COMENTÁRIO 3).

Mano, apitar o jogo de forma correta e o que queremos!! Não queremos saber de mais nada!! E acostume como o futebol funciona tradicionalmente, xingamentos, pressão e tal!! Isso faz parte do esporte!! (COMENTÁRIO 6).

Ele quer dá o brioco e eu tenho que ficar sendo informado é? (COMENTÁRIO 14).

O comentário 3 recebeu 81 curtidas de outros usuários; o comentário 6 teve 59; e o comentário 14 obteve 36 interações. Isso significa que, somadas as curtidas dos três comentários, outras 176 pessoas que interagiram com a publicação concordam com o conteúdo das falas descritas acima.

É fundamental não perder de vista, diante dos sentidos presentes em “Futebol não é lugar de bicha”, que a homofobia é criminalizada no País desde 2019. É importante pontuar, também, que o *Instagram* possui normativas que, justamente, visam a evitar discursos de ódio em sua plataforma. Apesar disso, contudo, tais comentários foram realizados e seguem disponíveis na publicação.

A segunda constelação de sentido observada foi nomeada de “Preconceito duplo”, uma vez que, para além de acionar lógicas homofóbicas, tal qual na constelação

anterior, os comentários aqui englobados também se respaldam em posturas misóginas e machistas. Nos 8 comentários presentes nessa categoria, observam-se aproximações entre a homossexualidade masculina e a feminilidade, compreendidos, então, como lugares menores e inferiores.

Vixe agora todo mundo vai querer virar menina no futebol kkkk (COMENTÁRIO 56).

No que isso muda o futebol? Vão dar cartão ROSA? Estão infectando o esporte com essas OPINIÕES SEXUAIS que ninguém LIGA! Essa deveria chamar LGBT e não GE! (COMENTÁRIO 60).

Será que ele usa calcinha? (COMENTÁRIO 62).

Dessa categoria, o comentário 56 foi o único a receber curtidas de outros usuários, totalizando 3 interações positivas à fala, que manifesta um incômodo diante da possibilidade de, a partir da declaração do árbitro, outros profissionais do setor seguirem seu exemplo. Há, contudo, uma aproximação intencional entre orientação sexual e identidade de gênero. Ao debochar de Benevenuto, o usuário aproxima gays e mulheres e explicita que, no futebol, não há espaço para nenhum dos dois grupos. Sob lógica de oposição binária, o feminino traria, imbuído em si, tudo aquilo que deve ser evitado pela masculinidade hegemônica (Connell, 2003). O sujeito homossexual, ao “abrir mão” de seus dividendos patriarcais, aproximar-se-ia do espectro feminino e, por conseguinte, ocuparia um lugar de subordinação.

Conforme lembra Daniel Welzer-Lang (2001, p. 465), acerca da dominação de mulheres e da homofobia no contexto de construção do masculino:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade.

Em movimento semelhante, o autor do comentário 60 sugere que a presença de homossexuais no futebol infectaria o esporte. Orientação sexual é chamada de opinião sexual. A cor rosa, atribuída culturalmente ao feminino, também é acionada enquanto lugar de desqualificação. Para além de Benevenuto, o próprio *Globo Esporte* é atacado por, na percepção do usuário, trazer como pauta a homossexualidade (“deveria chamar LGBT e não GE”). O que se observa, em específico, mais uma vez, é o temor de que tal presença gere fissuras e afete os demais. Não obstante, ao se voltar ao GE, o usuário parece denunciar o que percebe como uma agenda externa que, então, estaria sendo imposta equivocadamente ao futebol.

O comentário 62, por sua vez, menciona uma peça íntima feminina (calcinha) a fim de ridicularizar o árbitro, dando a entender que, por ser gay (e, por conseguinte, ser próximo ao feminino e às mulheres), Benevenuto, possivelmente, faria uso de uma. Ao abordar a saída dos meninos do mundo das mulheres, e o ingresso destes na casa dos homens, Welzer-Lang (2001) diz como, desde essa integração primeira, mesmo que em face de diversas experiências de homossexualização, cria-se uma repulsa a tudo aquilo que gere uma aproximação com o feminino e com aquele lugar. No futebol, também uma casa de (determinados) homens, o mesmo se repete.

A terceira constelação de sentido, "Representatividade importa", é aquela que realiza um contraponto às categorias anteriores. Ainda que com menos comentários que "Futebol não é lugar de bicha" (oito, em setenta), observa-se, aqui, manifestações de apoio à diversidade e à coragem de Benevenuto em assumir-se homossexual. O combate à homofobia no esporte, do mesmo modo, também foi um sentido manifesto nessa constelação.

Já fui preconceituoso. Hoje, o que preza é o respeito. 🙏 (COMENTÁRIO 63)

Que ele seja feliz. 🙌 (COMENTÁRIO 65).

Futebol é para todos. ❤️ (COMENTÁRIO 66).

O posicionamento dele é deveras importante, em um espaço marcado pelo machismo, preconceito, racismo, discriminação. Respeito é essencial e precisa ser estimulado. Pena que ainda tem muita gente tosca, que leva para os estádios sua cultura atrasada, de um período quase colonial. Mas, por outro lado, há pessoas de muito bom senso e evoluídas, como se pode ver em muitos comentários cuja base se faz pelo respeito (COMENTÁRIO 70).

O usuário que faz o comentário 63 recebeu o apoio de outros 4 usuários, que interagiram à fala deixando uma curtida. A pessoa afirma já ter sido preconceituosa, mas que, hoje, percebe a necessidade de respeitar as diferenças. Traz, ainda, a bandeira do arco-íris, símbolo da população LGBTQIAPN+, manifestando seu apoio ao grupo. O comentário 65, em uma postura contrária ao que se observou nas constelações anteriores, deseja felicidade ao árbitro, aplaudindo-o por sua revelação. O comentário 66, por sua vez, afirma que futebol é lugar para todos, dando a entender que gays também podem estar ali. Por ter recebido curtidas de outros 132 usuários, a fala marca a relevância de posicionamentos contra a homofobia e um estímulo à ocupação dos espaços futebolísticos de poder por parte dos homossexuais. A mensagem é reforçada pela imagem de coração.

O comentário 70, por fim, consiste em um texto mais amplo/argumentativo no qual o respeito é posto como algo que precisa ser estimulado. A nomeação de corpos no interior de uma cultura, como ensina Guacira Lopes Louro (2008), envolve a atribuição de direitos e de deveres e de privilégios e de desvantagens. Trata-se de uma dispu-

ta política, histórica e socialmente situada, que hierarquiza sujeitos e delimita vidas que importam mais ou que importam menos.

Em um país com altíssimos índices de crimes contra a população LGBTQIAPN+, e diante dos comentários analisados ao longo desta investigação, soa redundante dizer que se convive, de modo sistêmico, com a homofobia. Ainda assim, tal qual fica evidente nos comentários contidos na constelação "Representatividade importa", há espaços para a resistência, a circulação de outros discursos e a produção de outros significados.

Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas. Essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais. Sendo assim, como acontece com quaisquer outras normas, alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros dela buscam escapar. Todos esses movimentos, seja para se aproximar, seja para subverte-las, supõem investimentos, requerem esforços e implicam custos. Todos esses movimentos são tramados e funcionam através de redes de poder (Louro, 2008, p. 89).

Considerações finais

Conforme já exposto, a partir de postagem no perfil do *Instagram* do *Globo Esporte*, em que se abordava a saída do armário do árbitro de futebol Igor Benevenuto, o objetivo central desta pesquisa consiste em perceber quais sentidos foram mobilizados e constituídos em torno do anúncio por usuários/seguidores, observando de quais modos, no cenário do futebol, sexualidade e homossexualidade foram discutidos. Inspirados pela Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (Henn, 2014), voltamo-nos aos 1.001 comentários realizados na postagem e, já em um movimento de análise, realizamos uma seleção, coletando 70 comentários que consideramos mais representativos, compondo uma amostra.

Chegamos, então, a três constelações de sentido que, a partir de diferentes lugares, mobilizaram significados variados em torno da declaração e das possibilidades e impossibilidades de ser gay no futebol. "Futebol não é lugar de bicha", constelação hegemônica (54 comentários em um total de 70), trouxe manifestações homofóbicas e posições violentas em relação à existência de um árbitro homossexual no futebol, explicitando que aquele espaço não poderia ser ocupado por um gay.

"Preconceito duplo", ainda que em diálogo com "Futebol não é lugar de bicha", englobou posições de intolerância e preconceito, mas, em específico, com uma aproximação entre a homossexualidade e a feminilidade, tomados, então, como espectros não desejáveis ao futebol. Essa constelação foi composta por 8 comentários.

Oito comentários também constituíram a terceira constelação de sentido. Em "Representatividade importa", em oposição aos dois primeiros núcleos de sentido, houve apoio a Benevenuto e a defesa do futebol como um lugar para se respeitar a diversidade.

Por mais que posições intolerantes, preconceituosas e, cabe destacar, criminosas tenham dominado a publicação (62 comentários homofóbicos e/ou machistas e 8 comentários em defesa da diversidade), é fundamental observar que houve, ainda, contrapontos e brechas para que outros significados pudessem ser mobilizados. Há que se ressaltar, também, a própria produção de um podcast, por um veículo hegemônico de comunicação, focado no combate à homofobia no futebol, bem como a veiculação, em um movimento de apoio, de trechos da entrevista concedida por Benevenuto no perfil do *Instagram* do GE, que conta com grande visibilidade.

Mesmo que um espaço calcado em uma masculinidade hegemônica (Connell, 2003) e forjado sob lógicas heteronormativas (Warner, 1991), o futebol consiste em espaço profícuo para que outros discursos possam ser produzidos e para que, a partir deles, outras vidas possam também importar. Mais que um movimento individual, a saída do armário de Benevenuto representa uma posição política relevante, em uma ação de caráter pedagógico e que, ao ser respaldada pela mídia, ganha credibilidade e visibilidade e que, sem dúvida, contribui para que também o futebol possa ser um espaço para todos.

Referências

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, v. 18, n. 1, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1967.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. Tradução de Irene Ma. Artigas. Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

HENN, Ronaldo. **El cibercontecimiento, producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror**. New York: Columbia University Press, 1982.

KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero; GONZATTI, Christian. Shun de Andrômeda e as correntes das masculinidades: Gênero, jornalismo de cultura pop e construção de sentidos em redes digitais. **Mídia e Cotidiano**, v. 14, p. 206-224, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem**: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal. Ouro Preto: Editora Ufop, 2018.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. "Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!" Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, 2021.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, Afetos e Performance de Gosto nos Sites de Redes Sociais. **Revista EcoPós**, v. 19, n. 3, 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 1991.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2º sem. 2001.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 24 jan. 2023
Aprovado em: 18 mar. 2024